

O Centro Cultural em Brasília

R u i R a s q u i l h o

SERÃO PROVAVELMENTE QUASE CENTO E SETENTA milhões o número de brasileiros dispersos por um espaço continental de oito milhões e meio de quilómetros quadrados construídos sobretudo contra a América espanhola durante as últimas décadas do século XVI e início do século XVII.

O Brasil é um território imenso e múltiplo unido pela língua portuguesa que permite a continuidade dos afectos e dos ressentimentos de cada lado do Atlântico.

As relações luso-brasileiras ao longo do deslizar da história, construída nos últimos cinco séculos, são um estímulo à reflexão permanente sobre aquilo que nos separa e do «pouco» que nos aproxima, que afinal é tanto.

Conhecer cada vez melhor a história e a cultura das nossas duas pátrias lusófonas será porventura o caminho mais rápido para acertarmos a sedução que cada um de nossos países exerce sobre o outro.

Quantos incógnitos João do Rio não haverá no Brasil que, ao chegarem a Lisboa, diriam como ele: *«Em Portugal, eu sou como um caso de delírio do atavismo, sou um patriota que nunca aqui esteve»*.

Quantos como ele não terão ido a Lisboa por dois dias a caminho de Paris — ali o fascínio pela França — e terão por lá ficado mais dois.

Paulo Barreto, era este o nome de João do Rio, ficou por Lisboa cerca de quinze, mas eram tempos de paquetes a vapor.

Para um português, sobretudo para os poucos que têm tido o privilégio de ir além do eixo turístico brasileiro insistentemente construído nas areias das praias de Ipanema ou nos sobrados de Ouro Preto e conseguem alcançar Alcântara, no Maranhão ou Santarém muito para montante da foz do Amazonas, há também outros tremores, outros desejos de prolongar a viagem.

Para ambos os descobridores de cada lado assenta bem este pequeno parágrafo de Almeida Faria: *«Arquipélago descentrado na carta do mundo em que o português como língua, cultura*



Centro Cultural Português em Brasília.

e ficção também de si se descentrou para se perpetuar como outro e o mesmo».

Estamos pois, portugueses e brasileiros, cada vez mais condenados, e com que prazer, a interpretarmo-nos e construirmo-nos mutuamente para que o legado se multiplique.

Que viva a alteridade, e o sonho.

Desde há 5 anos que funciona no Brasil o Instituto Camões, primeiro em Brasília, consolidando a sua estrutura de funcionamento, planeando programas e logo depois executando projectos com a ajuda da rede consular de carreira, dependendo o êxito desta experiência do entusiasmo generalizado dos cônsules e da sua ligação privilegiada com as autoridades académicas e organismos culturais quer das Prefeituras, quer dos Estados.

De uma maneira geral a «rede» brasileira tem funcionado, tendo-se inclusivamente alargado a outras regiões onde existem consulados honorários, ou onde as universidades e departamentos culturais da administração brasileira tem proposto parcerias, como em São Luís do Maranhão ou Campo Grande, para referir apenas dois exemplos de parcerias concretizadas com êxito.

O Pólo do Instituto Camões de São Paulo, que já havia funcionado experimentalmente por um certo período em 1999, foi inaugurado a 28 de Março de 2000, exercendo a sua acção em todo o Estado de São Paulo.

De entre as atribuições do Instituto Camões, tutelado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, a divulgação da cultura portuguesa assume especial importância no Brasil onde o português, sendo a língua materna para a esmagadora maioria da população, dispensa a vertente do ensino da língua.

Dar a conhecer a cultura portuguesa na terra de Machado de Assis, Tarsila do Amaral, Vinícius de Moraes ou Glauber Rocha é uma tarefa apenas aparentemente fácil.

O País é imenso, como se disse, a população enorme, as assimetrias sócio-económicas e culturais difíceis de resolver.

Acresça-se a este quadro uma dezena de cidades em que a população se conta por milhões de habitantes e várias dezenas na casa do meio milhão. Considere-se que entre Belém do Pará ao norte, a margem sul do Amazonas e Porto Alegre ao sul, próximo à margem norte da Lagoa dos Patos, há 2400 quilómetros em voo de pássaro e que ambas as cidades estão bem longe quer da fronteira norte, quer da fronteira sul, para se entender que não é fácil a tarefa, embora não seja impossível. Tudo é relativo.

No Centro Cultural de Brasília e no Pólo de São Paulo, existe uma estrutura ligeira de funcionários multi-funcionais que se ocupam da contabilidade, bibliotecas, montagem e distribuição de exposições temporárias, organização de espectáculos, elaboração de projectos com universidades, apoio a organismos portugueses no Brasil, etc.

Na totalidade são seis funcionários, dos quais apenas um não tem ainda formação superior, que se ocupam do Instituto Camões no Brasil.

As relações bilaterais são fundamentais para a intensificação do diálogo histórico-cultural, sobretudo entre estados que pela vizinhança ou pela língua viveram equívocos de relação. Aos centros culturais responsáveis pelo intercâmbio cultural caberá estabelecer algumas reflexões sobre como se deverá desenvolver esse diálogo. Em termos de gestão, o Estado funciona como patrocinador, enquanto o Centro age como produtor cultural executando projecto que proporcione um retorno de sucesso.

Definidos os critérios para avaliar o «patrocínio» concretizado a partir de verbas do orçamento do Estado, o Centro Cultural desenvolve os seus projectos anuais, levando em conta as necessidades, ou seja, as orientações do patrocinador, o Estado Português.

Os eventos programados devem procurar a excelência, uma vez que a actividade do Centro Cultural reflecte a imagem do País e que grande maioria dos seus frequentadores é formador de opinião.

A imprensa, rádio e TV têm sido permanentemente associados a todas as actividades, por forma a haver como que uma corrente ininterrupta que fale da actividade do Centro e, por consequência, de Portugal, uma vez que a publicidade é fundamental para o êxito das actividades culturais que são oferecidas.

Portugal é conhecido no Brasil, mas resta saber qual Portugal. Recorde-se o rebuliço que a Expo'98 provocou nos brasileiros, que finalmente começaram a entender que Portugal é um país moderno inserido na União Europeia, capaz de realizações só antes permitidas à pátria além Pirinéus.

Como somos um importante investidor estrangeiro no Brasil, iniciamos parcerias com investidores e empresas portuguesas com consequências francamente positivas para a nossa imagem no Brasil. Uma melhor coordenação com o ICEP e Ministério da Cultura, no mínimo semelhante à que nos três últimos anos temos

vindo a estabelecer com a CNCDP provocaria uma imediata multiplicação de acções no território brasileiro. Não será de mais realçar que muitos milhares de brasileiros têm sido postos em contacto com a história e a cultura portuguesas, afinal uma referência fundamental para a construção da identidade brasileira, através da estreita cooperação entre o Instituto Camões e a Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses. Milhares de exposições de cartazes tratando acontecimentos e figuras ligadas ao período do descobrimento foram nos últimos anos distribuídos a entidades culturais e universidades.

Pelo menos até ao final do ano 2001 continuarão a concretizar-se no Brasil actividades deste género de parceria com outras de maior fôlego, como as grandes exposições com acervos originais, colóquios e congressos. No encerramento da Presidência Portuguesa, mais de 5000 pessoas visitaram em Brasília durante um mês a exposição de artes plásticas «Brasil-Europa – Encontros do século XX». Também nesta acção a responsabilidade do Centro Cultural foi fundamental para sua concretização.

O importante será que o início do próximo século traga a sistematização deste tipo de acções culturais.

Há, todavia, projectos difíceis de levar a bom termo devido aos elevados custos que comportam. Trazer uma orquestra ao Brasil de pelo menos 80 pessoas com digressão por quatro ou cinco cidades é financeiramente inoportuno para ser produzido por um centro cultural se não houver uma parceria.

Dulce Pontes, Madredeus, Maria João e Mário Laginha e os Delfins são hoje procurados pelos produtores locais e durante o ano 2000 o programa «Pão Music», do grupo Pão de Açúcar, tem trazido centenas de milhares de brasileiros ao contacto estreito com alguns destes grupos e artistas que têm sido apresentados em espectá-



culos públicos ao ar livre em conjunto com grandes nomes da música brasileira. Neste caso, o Instituto Camões ofereceu «patrocínio cultural», o que permite até ao final do ano, nos espectáculos populares, a apresentação do símbolo do Instituto Camões em parceria com a de outros patrocinadores.

Fica evidente que, para a realização de acções de grande envergadura, o produtor (Centro Cultural) deverá associar-se a empresas portuguesas com interesses no Brasil por forma a que o *show*, o concerto, a exposição possam ser apresentados no maior número de cidades do País e assim contribuir para a divulgação da imagem de Portugal junto de um número significativo de brasileiros.

O Centro Cultural em Brasília tem organizado sistematicamente acções com intérpretes brasileiros, pois um organismo deste tipo só se vocaciona em toda a amplitude se abrir as suas portas à criatividade nacional. Ceder os auditórios e salas de exposição, preservando a qualidade, à produção brasileira é uma simples e eficaz forma de praticar a cooperação cultural.

O cinema é também um meio possível de divulgação, em particular se for apresentado por ocasião de festivais, ou a pedido de cineclubes

que mobilizam facilmente público amante de cinema, que também nestes casos é normalmente formador de opinião. A crítica especializada fará o seu papel, contribuindo deste modo para a divulgação do cinema português. Este ano, o Instituto Camões, em conjunto com o ICAPA, apresentou quatro mostras do moderno cinema português, em Brasília, São Paulo, Belém do Pará e Belo Horizonte.

Todo o projecto cultural deverá deixar uma herança; no caso vertente, ela será a da constante presença do nome de Portugal no Brasil, através de acções de qualidade.

«Mas uma acção cultural tem de ter um belo começo, um meio maravilhoso e não ter fim», ou seja, um projecto cultural não se pode limitar apenas à vinda de uma orquestra ou de um grupo de teatro, deve ser acompanhado de uma série de outras acções: *workshops* com músicos e artistas de teatro, exposições sobre os instrumentos da orquestra, ou guarda-roupas dos grupos e vendas de cd's e vídeos ao público. A isto se chama a rentabilização da acção cultural.

Seguindo este critério, o Centro Cultural nas suas actividades culturais em Brasília fez sempre acompanhar os espectáculos com exposições de artes plásticas normalmente individuais, ou

exposições de carácter histórico ou monográfico. Figurino que normalmente atrai ao centro uma média de duzentas pessoas por sessão.

Outro campo de trabalho para o fomento de actividades de um Centro Cultural é a Universidade.

Nos estabelecimentos de ensino superior brasileiros há uma apetência para as actividades científicas portuguesas, dado falarmos a mesma língua.

No Brasil, há 37 Universidades Federais, vinte e seis Estaduais e municipais, 40 privadas e 33 comunitárias. Quase todas elas têm estudos portugueses, em particular na área de literatura, e, após as comemorações dos 500 anos, a história ocupa também um lugar de realce.

Seja como for, o patrocínio do Centro Cultural do Instituto Camões à organização de colóquios, congressos e publicações, à manutenção por Lisboa de duas cátedras, uma no Rio, na Pontifícia Universidade Católica, e outra em São Paulo, na USP, é de grande importância para o conhecimento mútuo pois contribui para a actualização docente e consequente manutenção de linhas programáticas de interesse para ambos os países. Outro meio de intercâmbio importante é o da política de concessão de bolsas, embora por enquanto seja extremamente tímido, e o da existência de protocolos de permutas de docentes entre o Instituto Camões e diversas universidades brasileiras.

Haveria o maior interesse em alargar as bolsas de Mestrado e Doutoramento para além do ramo das humanidades: muitos licenciados das áreas científicas gostariam de especializar-se em Portugal, já que existe a vantagem da língua comum, onde há cursos de reconhecida qualidade. O inverso é também verdade em muitas áreas: convirá não esquecer que constantemente se fala em Mercosul e União Europeia e nas vantagens de os dois blocos melhor se entenderem. A formação de técnicos na área económica e do

direito, por exemplo, em regime de permuta entre os dois países, seria a todos os títulos vantajosa. Aliás o novo acordo assinado em Porto Seguro a 21 de Abril, logo que entre em vigor oferece um amplo campo de trabalho entre instituições universitárias e organizações profissionais que no futuro garantirão a permuta de especialistas e profissionais entre Portugal e Brasil.

Na publicidade e marketing não existe, por exemplo, nenhum curso em Portugal que tenha a superior qualidade dos ministrados no Brasil.

Em suma, deverá ser encarado como prioridade o alargamento do intercâmbio de bolsas de estudo pois, se do nosso lado é reduzido e sectorial, a oferta do lado brasileiro é praticamente inexistente e não parecerá lógico que a situação assim se mantenha.

A língua portuguesa e a cultura lusa, como dizia Gilberto Freyre: «*O lastro e a estrutura da organização nacional brasileira, ou antes, do nosso tipo de democracia social em que as diferenças nacionais se conciliam através do lusismo comum, com o universalismo essencial, cristão, franciscano, sempre tão dos portugueses e hoje tão dos brasileiros, a língua portuguesa, o instrumento de intercomunicação entre os elementos de procedências diversas de raça e de cultura que constituem o Brasil*».

São poucos, actualmente no Brasil, no meu entender, os indivíduos ou os grupos anti luso-brasileiros até porque hoje se compreende melhor a transculturalidade das duas nações, ambas caldeadas na visão antropocêntrica do mundo, e também porque o fim da bipolarização política mundial «descobriu» a pulverização do planeta e estimulou a reorganização geo-estratégica assente em valores até há pouco desprezados.

Hoje, a construção de novos blocos faz-se sobretudo a partir de referências comuns histórico-culturais, as quais naturalmente não estarão divorciadas do sector económico.

No caso português, a língua comum, seja materna, ou elemento de coesão nacional, levou-nos à constituição da CPLP, cabendo-nos sobretudo na União Europeia a «defesa» desse espaço geo-político como ao Brasil cabe igual missão no espaço Mercosul.

No próximo ano, durante o primeiro trimestre o Centro Cultural apresentará, em conjunto com diversos Países de língua portuguesa, uma exposição de arte popular africana que se espera, seja uma referência cultural importante em Brasília.

Os duzentos milhões de falantes da língua portuguesa 80% estão no Brasil, com um enraizamento forte e descomplexado relativamente à nossa cultura europeia, matizada aqui, neste país continental, por novos valores que só enriquecem e eternizam a conjugação do espaço transcontinental que vai da América a Timor, através da África e da Ásia.

Num país onde as tradições de origem portuguesas resistem, apesar da força dos meios de comunicação, e resistem apropriadas pelas sucessivas gerações que se sucederam à independência, que obviamente provocou uma ruptura real com a matriz, deverá haver da nossa parte uma particular atenção às múltiplas formas de tratamento e preservação desta herança. Por isso decorrem este ano os encontros dedicados aos cem anos de Eça de Queirós em seis universidades brasileiras. Por isso, no início de Novembro próximo na Universidade de Brasília, «As Pontes Lusófonas» discutirão na cidade de Niemeyer e Lúcio Costa as novas tendências da arquitectura. Por isso, o Instituto Camões homenageará Gilberto Freyre em Dezembro no Recife e no final de Novembro na Universidade de Brasília se falará do Atlântico Sul.

Não é pois só a língua o elo entre dois países que têm o português como língua materna, mas é nessa língua que discutimos o que interessa a ambos. Relativamente aos aspectos da cultura

popular, o que dizer das cavallhadas de Pirenópolis, da festa do Círio em Belém do Pará, ou das festas do Divino Espírito Santo, festas populares e religiosas que aqui se mantêm com grande devoção e provavelmente com persistência bem mais forte do que hoje em Portugal. Os antropólogos, que já poucos exemplos têm destas manifestações para estudar em Portugal, deveriam vir fazê-lo aqui onde ainda são vigorosos os testemunhos das festas populares.

Refira-se ainda que durante o corrente ano foram também viabilizadas 4 edições de livros em parceria com editoras universitárias na sua maioria relativos à história de ambos os países e hoje praticamente esgotados, e enviados a mais de cinquenta bibliotecas e instituições brasileiras com o apoio da Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

O Instituto Camões também tem participado em várias feiras do livro, Bienal de São Paulo, Belo Horizonte, Brasília e no final do ano Belém do Pará, e contamos continuar esta política cultural no próximo ano por ela se mostrar eficaz.

Com um mar de permeio e oceanos outros, a nossa língua configura um continente global em que as diferenças unem e as contradições nos enriquecem.

Como poderá ser desenvolvida no terreno, a política cultural portuguesa no Brasil, para além do que já ficou dito? Que mais se poderá fazer relativamente a este imenso País pejado de portugueses, de filhos de portugueses, de netos de portugueses, de muitos milhões de brasileiros que se chamam Queiroz, Almeida, Menezes, Carvalho, Henrique, Magalhães, Alcântara, Pais, Vieira, Brito?

Que fazer num país onde os índios falam português, onde filhos, netos e bisnetos de italianos, alemães, polacos, japoneses, espanhóis, congoleses, ganenses, falam e pensam em português, onde todos, mesmo a maioria de nós, somos brasileiros?